



OS INSTRUMENTOS MORTAIS

# Cidade de Vidro

CASSANDRA CLARE

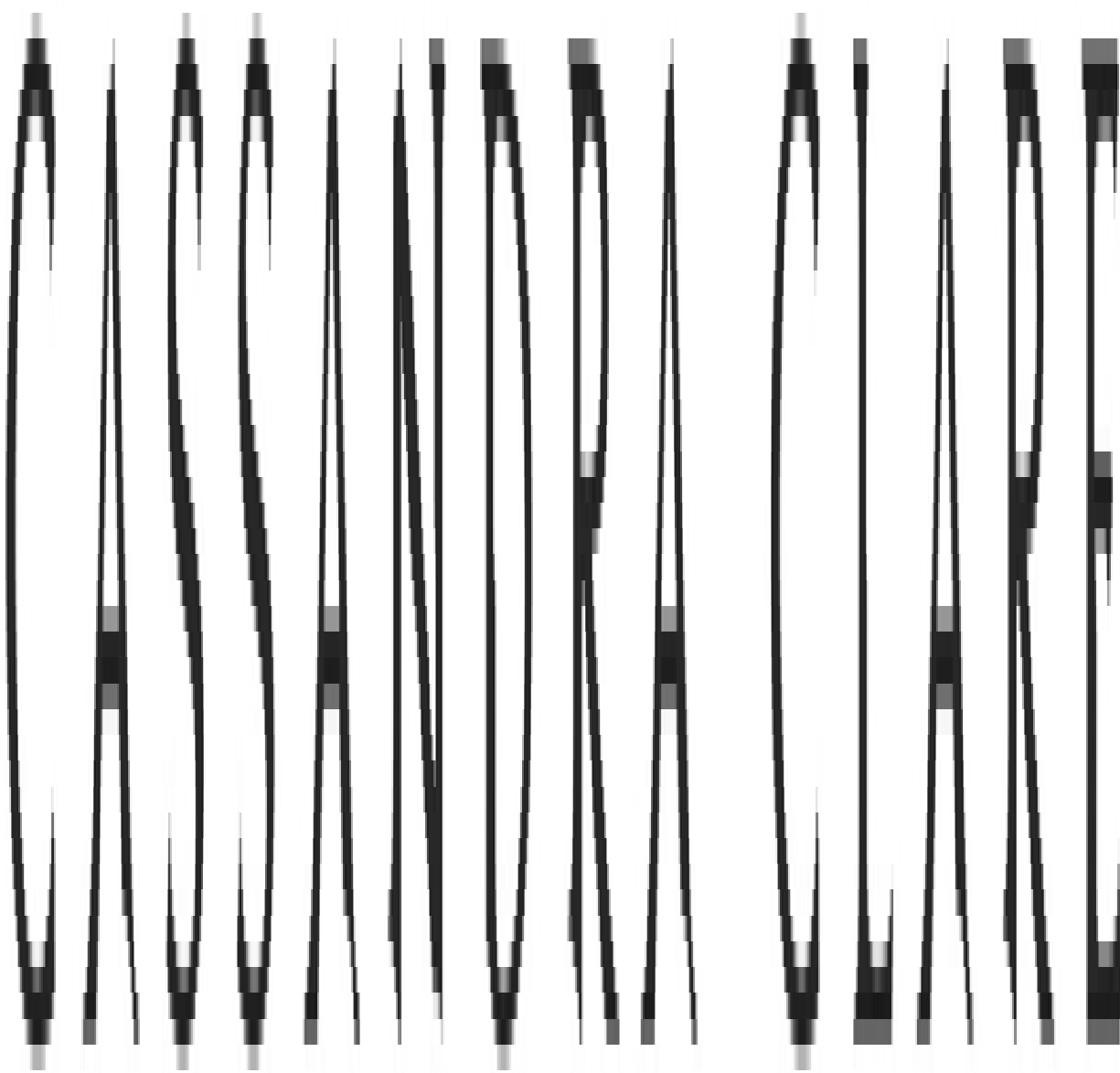
*Queridos Edward e Jacob,  
Adoro vocês dois, mas vou passar o fim de semana com Jace.  
Desculpe! Com amor, STEPHENIE MEYER (autora de CREPÚSCULO)*



## **Série Os instrumentos mortais**

*Volume 1 – Cidade dos ossos*  
*Volume 2 – Cidade das cinzas*  
*Volume 3 – Cidade de vidro*





OS INSTRUMENTOS MORTAIS

Cidade de Vidro

Tradução de  
Rita Sussekind



G A L E R I A R E C O R D  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C541c

Clare, Cassandra

Cidade de vidro [recurso eletrônico] / Cassandra Clare; tradução  
Rita Sussekind. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.  
recurso digital (Os instrumentos mortais ; 3)

Tradução de: City of glass: The mortal instruments

Sequência de: Cidade das cinzas: Os instrumentos mortais

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 9788501100955 (recurso eletrônico)

1. Sobrenatural - Ficção. 2. Magia - Ficção. 3. Vampiros - Ficção.  
4. Ficção americana. 5. Livros eletrônicos. I. Sussekind, Rita. II.  
Título. III. Série.

13-05185

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:  
*City of glass: The mortal instruments*

Copyright © 2009 by Cassandra Clare, LLC  
Ilustração da capa © 2009 by Cliff Nielsen  
Design original da capa © Russel Gordon

Os direitos desta tradução foram negociados mediante acordo com Barry  
Goldblatt Literary LLC

e Sandra Bruna Agencia Literaria S. L.

Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.  
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System  
Adaptação da capa original: Renata Vidal

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil  
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 9788501100955

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas  
promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.



Para minha mãe.  
*“Conto apenas as horas que brilham.”*



# Agradecimentos

Ao olhar para trás depois de ter escrito um livro, é impossível não perceber a dimensão do esforço coletivo envolvido e o quão rapidamente tudo teria ido por água abaixo como o *Titanic* se você não tivesse a ajuda de seus amigos. Tendo isso em mente: obrigada ao NB Team e aos Massachusetts All-Stars; obrigada a Elka, Emily e Clio pelas horas me ajudando com o roteiro, e a Holly Black por ter passado horas pacientemente lendo as mesmas cenas inúmeras vezes. A Libba Bray por garantir as rosquinhas e um sofá onde escrever, a Robin Wasserman por me distrair com episódios de *Gossip Girl*, a Maureen Johnson por me encarar de um jeito assustador enquanto eu tentava trabalhar, e a Justine Larbalestier e Scott Westerfeld por me obrigar a levantar do sofá e procurar um lugar para escrever. Agradeço também a Ioana por me ajudar com o meu (inexistente) romeno. Obrigada, como sempre, a meu agente, Barry Goldblatt, à minha editora, Karen Wojtyla; às equipes da Simon & Schuster e Walker Books por assumirem os bastidores da série, e a Sarah Payne por sugerir alterações mesmo muito depois do fim do prazo. E, é claro, à minha família: minha mãe, meu pai, Jim e Kate, o clã dos Eson e, é claro, Josh, que ainda acha que Simon foi inspirado nele (e talvez esteja certo).



*Longo é o caminho  
E árduo, que do Inferno leva à Luz.*

— John Milton, *Paraíso Perdido*



Parte 1

Faíscas Voam Para Cima

*O homem nasce para a tribulação  
como as faíscas voam para cima.*

— Jó 5:7



1

O Portal

O frio da semana anterior havia chegado ao fim; o sol brilhava intensamente enquanto Clary corria pelo quintal empoeirado da frente da casa de Luke, com o capuz do casaco levantado para impedir que o cabelo voasse no rosto. O clima podia ter esquentado, mas o vento do East River ainda podia ser brutal. Soprava com um leve aroma químico, misturado ao cheiro do asfalto do Brooklyn, gasolina e açúcar queimado da fábrica abandonada no fim da rua.

Simon estava esperando por ela na varanda da frente, sentado em uma poltrona quebrada. Estava com o Nintendo DS equilibrado nos joelhos cobertos pelo jeans e o cutucava diligentemente com a caneta.

— Ponto — disse ele enquanto Clary subia os degraus. — Estou detonando no Mario Kart.

Clary tirou o capuz, balançando a cabeça para tirar o cabelo de cima dos olhos e em seguida remexeu nos bolsos procurando as chaves.

— Onde você estava? Passei a manhã inteira tentando te ligar.

Simon se levantou, guardando o retângulo iluminado na bolsa estilo carteiro.

— Estava na casa do Eric. Ensaio da banda.

Clary parou de forçar a chave na tranca — sempre emperrava — por tempo suficiente para olhar para ele.

— Ensaio da *banda*? Quer dizer que ainda está...

— Na banda? Por que não estaria? — Ele esticou os braços em volta dela. — Aqui, deixa que eu faço.

Clary ficou parada enquanto Simon girava a chave com conhecimento de causa, usando a quantidade certa de pressão e fazendo a tranca teimosa se abrir. A mão dele encostou na dela; a pele estava fria, da temperatura do ar lá fora. Ela estremeceu um pouco. Tinham acabado de desistir de tentar um relacionamento romântico na semana passada, e ela ainda se sentia confusa cada vez que o via.

— Obrigada. — Ela pegou a chave de volta sem olhar para ele.

Estava quente na sala. Clary pendurou a jaqueta no gancho do hall de entrada e foi para o quarto de hóspedes, com Simon atrás. Ela franziu a testa. Sua mala estava aberta como uma concha de

marisco na cama, as roupas e cadernos de desenho espalhados por todos os lados.

— Pensei que você só fosse passar alguns dias em Idris — disse Simon, assimilando a bagunça com um singelo olhar de desalento.

— E vou, mas não sei o que levar. Quase não tenho vestidos e saias, mas e se eu não puder usar calça lá?

— Por que não poderia usar calça lá? É outro país, não outro século.

— Mas os Caçadores de Sombras são tão antiquados, e Isabelle sempre usa vestidos... — Clary parou de falar e suspirou. — Não é nada. Só estou projetando a ansiedade com relação à minha mãe no guarda-roupa. Vamos falar de outra coisa. Como foi o ensaio? A banda ainda não tem nome?

— Foi legal. — Simon pulou sobre a mesa, ficando com as pernas penduradas de um lado. — Estamos considerando um novo lema. Uma coisa irônica, como “Vimos um milhão de rostos e encantamos mais ou menos oitenta por cento deles”.

— Você contou para o Eric e para o resto deles...

— Que sou um vampiro? Não. Não é o tipo de coisa que você comenta numa conversa casual.

— Talvez não, mas eles são seus *amigos*. Deveriam saber. E, além disso, só vão achar que isso deixa você ainda mais próximo de um deus do rock, como aquele vampiro, Lester.

— Lestat — disse Simon. — Você quer dizer o vampiro Lestat. Ele é fictício, um personagem. Além do mais, não estou vendo você correr para contar para os seus amigos que é uma Caçadora de Sombras.

— Que amigos? Você é meu amigo. — Ela se jogou sobre a cama e olhou para Simon. — E eu te contei, não contei?

— Porque não teve escolha. — Simon inclinou a cabeça para o lado, examinando-a; a luz do abajur refletia nos olhos dele, deixando-os prateados. — Vou sentir saudades quando você estiver viajando.

— Vou sentir saudades também — disse Clary, apesar de sentir a pele pinicando freneticamente com o nervoso da antecipação que dificultava qualquer tentativa de se concentrar. *Eu vou para Idris!*, sua mente cantarolava. *Vou ver o país dos Caçadores de Sombras, a Cidade de Vidro. Vou salvar minha mãe.*

*E estarei com Jace.*

Os olhos de Simon brilharam como se ele pudesse ler os pensamentos de Clary, mas a voz saiu suave.

— Conte outra vez, por que mesmo você tem que ir para Idris? Por que Madeleine e Luke não podem cuidar disso sem você?

— Minha mãe foi enfeitiçada por um feiticeiro, Ragnor Fell. Madeleine disse que precisamos encontrá-lo se quisermos descobrir como reverter. Mas ele não conhece Madeleine. Conhecia a minha mãe, e Madeleine acha que ele vai confiar em mim porque pareço muito com ela. E Luke não pode ir comigo. Ele poderia ir para Idris, mas aparentemente não pode entrar em Alicante sem permissão da Clave, e eles não vão permitir. E não diga nada disso a ele, *por favor*. Ele não está nem um pouco feliz em não ir comigo. Se já não conhecesse Madeleine, acho que nem me deixaria ir.

— Mas os Lightwood vão estar lá também. E Jace. Vão te ajudar. Quero dizer, Jace disse que ajudaria, não disse? Ele não se importa que você vá?

— Claro, ele vai me ajudar — disse Clary. — E claro que não se importa. Por ele, está tudo bem.

Mas isso, ela sabia, era mentira.

Clary tinha ido direto para o Instituto depois de falar com Madeleine no hospital. Jace tinha sido a primeira pessoa para quem tinha contado o segredo da mãe, antes mesmo de Luke. E ele ficara parado, olhando para ela, parecendo cada vez mais pálido enquanto ela falava, não como se ela estivesse contando a ele que podia salvar a mãe, e sim drenando o sangue dele com uma lentidão cruel.

— Você não vai — disse ele, assim que ela concluiu. — Nem que eu precise amarrá-la e sentar em cima de você até este impulso insano passar, você não vai para Idris.

Clary sentiu como se tivesse levado um tapa. Tinha achado que ele ficaria *feliz*. Ela havia corrido direto do hospital até o Instituto para contar a Jace, e ali estava ele, na entrada, encarando-a com um olhar sombrio.

— Mas vocês vão.

— Sim, nós vamos. *Temos* que ir. A Clave convocou todos os integrantes ativos que puderem ir a Idris para uma reunião completa do conselho. Vão votar sobre o que fazer com relação a Valentim, e como fomos as últimas pessoas a vê-lo...

Clary mudou de assunto:

— Então, se você vai, por que não posso ir junto?

A forma direta como perguntou pareceu deixá-lo ainda mais irritado.

— Porque não é seguro para você lá.

— Ah, e aqui é muito seguro! Quase fui morta uma dúzia de vezes no mês passado, e tudo aconteceu aqui em Nova York.

— Isso porque Valentim estava concentrado nos dois Instrumentos Mortais que estavam aqui — disse Jace entredentes. — Ele vai transferir o foco para Idris agora, todos nós sabemos...

— Não podemos ter certeza de nada desse tipo — disse Maryse Lightwood. Ela estava na sombra do corredor, fora do campo de visão dos dois; nesse momento, foi para frente, para as luzes da entrada. Elas iluminavam as linhas de exaustão que pareciam puxar seu rosto para baixo. Seu marido, Robert Lightwood, tinha sido ferido por veneno de demônio durante a batalha da semana anterior, e desde então precisava de cuidados constantes; Clary só podia imaginar o quão exaurida ela estava. — E a Clave quer conhecer Clarissa. Você sabe disso, Jace.

— A Clave que se dane.

— Jace — disse Maryse, parecendo mesmo uma mãe, para variar.

— Linguajar.

— A Clave quer um monte de coisas — corrigiu-se Jace. — Não necessariamente precisa ter tudo.

Maryse lançou-lhe um olhar, como se soubesse exatamente do que ele estava falando e não gostasse.

— A Clave muitas vezes tem razão, Jace. Não é nenhum absurdo quererem conversar com Clary, depois do que ela passou. O que ela poderia contar a eles...

— Eu digo qualquer coisa que queiram saber — disse Jace.

Maryse suspirou e voltou os olhos azuis para Clary.

— Então você quer ir para Idris, presumo?

— Só por alguns dias. Não vou causar problema algum — disse Clary, tentando ignorar a expressão intensa de Jace e olhar para Maryse. — Juro.

— A questão não é se você vai causar problemas; a questão é se vai querer se reunir com a Clave enquanto estiver lá. Eles querem falar com você. Se recusar, duvido que nos deem autorização para levá-la conosco.

— Não... — começou Jace.

— Eu vou encontrar a Clave — interrompeu Clary, apesar de o pensamento enviar uma pontada fria por sua espinha. A única emissária da Clave que havia conhecido até então fora a Inquisidora, e não tinha sido exatamente agradável.

Maryse esfregou as têmporas com as pontas dos dedos.

— Então está decidido. — Mas ela não soava decidida; soava tensa e frágil, como uma corda de violino excessivamente retesada. — Jace, leve Clary até a porta e me encontre na biblioteca. Preciso falar com você.

Ela desapareceu novamente nas sombras sem uma única palavra de adeus. Clary ficou olhando, com a sensação de que tinha acabado de ser coberta com água gelada. Alec e Isabelle pareciam gostar muito de sua mãe, e ela tinha certeza de que Maryse não era má pessoa, de verdade, mas também não era exatamente *calorosa*.

A boca de Jace era uma linha rígida.

— Agora olha o que você fez.

— Preciso ir para Idris, mesmo que você não entenda por quê — disse Clary. — Preciso fazer isso pela minha mãe.

— Maryse confia demais na Clave — disse Jace. — Ela precisa acreditar que eles são perfeitos, e não posso dizer a ela que não são, porque... — ele parou abruptamente.

— Porque isso é algo que Valentim diria.

Clary esperava uma explosão, mas “Ninguém é perfeito” foi tudo que Jace disse. Ele se esticou e agrediu o botão do elevador com o indicador.

— Nem mesmo a Clave.

Clary cruzou os braços sobre o peito.

— É realmente por isso que você não quer que eu vá? Porque não é seguro?

Um brilho de surpresa cruzou o rosto dele.

— O que quer dizer? Por que mais eu não ia querer que você fosse?

Ela engoliu em seco.

— Porque... — *porque você disse que não quer mais ter sentimentos por mim e, veja bem, isso é muito constrangedor, mas eu ainda os tenho por você. E aposto que você sabe.*

— Porque não quero minha irmãzinha me seguindo aonde quer que eu vá? — Havia uma nota aguda em sua voz. Metade deboche, metade outra coisa.

O elevador chegou com um ruído. Puxando o portão de lado, Clary entrou e se virou para encarar Jace.

— Não quero ir só porque você vai estar lá. Eu vou para ajudar a minha mãe. A *nossa* mãe. Tenho que ajudá-la. Não entende? Se eu não fizer isso, ela pode nunca acordar. Você podia pelo menos fingir se importar um pouquinho.

Jace pôs as mãos nos ombros dela, as pontas dos dedos tocando a pele nua na borda do colarinho, provocando arrepios involuntários e sem propósito por seus nervos. Havia olheiras sob os olhos dele, Clary percebeu sem querer, e vazios escuros sob as maçãs do rosto. O casaco preto que ele vestia só destacava mais as feridas marcadas na pele do rosto, e os cílios escuros também; ele era um estudo de contrastes, algo para ser pintado em sombras de preto,

branco e cinza, com toques dourados aqui e ali, como os olhos, para destacar um pouco de cor.

— Deixe-me fazer isso. — Sua voz era suave, urgente. — Posso ajudá-la por você. Diga-me para onde ir, a quem perguntar. Eu trago o que precisar.

— Madeleine disse ao feiticeiro que eu iria. Ele estará esperando a filha de Jocelyn, não o filho de Jocelyn.

As mãos de Jace apertaram seus ombros com mais força.

— Então diga a ela que houve uma mudança de planos. Eu vou, não você. *Não você.*

— Jace...

— Faça o que for — disse ele. — O que você quiser, se prometer ficar aqui.

— Não posso.

Ele a soltou bruscamente, como se ela o tivesse empurrado.

— *Por que não?*

— Porque... — disse — ela é minha mãe, Jace.

— E minha. — A voz dele era fria. — Aliás, por que Madeleine não falou com nós dois sobre isso? Por que só com você?

— Você sabe por quê.

— Porque — começou ele, e desta vez soou ainda mais frio — para ela, você é a filha de Jocelyn. Mas eu sempre serei o filho de Valentim.

Ele fechou o portão entre eles. Por um instante, ela encarou Jace através da grade — que dividia o rosto dele em uma série de losangos, contornados em metal. Um único olho dourado a encarou através de um losango, uma ira furiosa cintilando em suas profundezas.

— Jace... — começou ela.

Mas, com um puxão e um estalo, o elevador já estava se movendo, levando-a para baixo, para o silêncio sombrio da catedral.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Os Instrumentos Mortais 3 - Cidade de..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).